

9

Advertência

... existência em Portugal de uma tradição épica sobre Afonso Henriques cantada nas praças das vilas e nos festins dos castelos por jograis, mais atentos à vida do que aos arquivos.

11

I / História e Poesia

Crónica de Vinte Reis (1ª metade do século XIV): a história assim como a contam os jograis...

13

É que os relatos dos jograis nasciam dos próprios acontecimentos, estavam muito próximos deles. Eram na realidade história falada.

19

II / A Tradicionalidade

Crónicas Breves de Santa Cruz (cópias manuscritas da 2ª metade do século XV)

20

Quem compôs essa parte [relativa a Afonso Henriques] das ditas crónicas não era um simples compilador de datas e factos memoráveis, mas um verdadeiro novelista ou dramaturgo...

21

A *Terceira Crónica Breve* é a mais conhecida : Egas Moniz é o protagonista

na *Quarta Crónica Breve*, o herói ajudador chama-se Soeiro Mendes, nome que diz muito pouco porque desapareceu das crónicas posteriores.

uma parte do texto desta aparece igualmente Livro de Linhagens do Conde D.Pedro (anterior à crónica de 1344, da qual a *Terceira Crónica Breve* é uma cópia)

22

Soeiro Mendes aparece igualmente na *Crónica* espanhola de *Vinte Reis*

A *Quarta Crónica Breve* é anterior à *Crónica de Vinte Reis*

23

3 Soeiro Mendes no século XII:

1º: Soeiro Mendes, o Bom: filho de D. Mendo. Na ausência do Conde D.Henrique chega a assumir o governo do território, conjuntamente com D.Teresa (tinha, no mínimo, 62 anos). É provavelmente o protagonista das *Crónicas Breves* (morre pouco após 1130).

2º: Soeiro Mendes, Facha: é chamado *Mãos de Águia* no *Livro de Linhagens*: é filho ilegítimo da nora do Bom e de um grande fidalgo; segundo o *Livro de Linhagens* de 1270, esta mulher, depois de se recolher ao mosteiro de Vairão, teria sido amante de Afonso Henriques.

3º: Soeiro Mendes, o Grosso ou o Gordo: sobrinho do Bom.

25

Egas Moniz: referido no (2º) *Livro de Linhagens, o Velho*, pouco posterior a 1340.

Port. Mon. Hist., Scipt., p. 159: ... e fez senhor do reino o criado [Afonso Henriques] a pesar de sa madre a rainha D.Tareja, de cuja parte o reino vinha.

26

... a *Quarta Crónica Breve* de santa Cruz de Coimbra, a *Crónica de Vinte Reis* (castelhana), o *Livro de Linhagens do Conde D.Pedro*, a *Crónica Galego-Portuguesa de 1341-1342*, a *Crónica Geral de Espanha*, de 1344 (2ª redacção), registam, por inteiro ou parcialmente, diversas variantes de uma tradição lendária relativa a Afonso Henriques. Chamar-lhe-emos a Versão A.

27

... simultaneamente, havia uma outra tradição referente a um herói também anterior a Afonso Henriques, Egas Moniz, e cujo nome em certas variantes e em momentos que podemos precisar, substituiu o do herói ajudador da primeira versão. É a Versão B. Esta contém um episódio que falta nas restantes: o do cerco de Guimarães

28

... A variante da *Quarta Crónica Breve* é, portanto, a forma mais antiga que possuímos da tradição épica, embora, quanto ao conteúdo, a variante de *Vinte Reis* esteja mais próxima da original.

Utilizaremos, portanto esta última variante, recorrendo todavia à versão de *Vinte Reis* onde nos parece que há lapsos e lacunas na *Quarta Crónica Breve*.

29

III / O texto

26. Depois desto o mandou desafiar o Emperador e tornou-lhe seu amor.

27. E foi-se logo pera Portugal e nom achou u se colher

28. Ca toda a terra se lhe leuanteu co'a madre.

29. E a madre casou-se com o Conde D.Fernando de trastamara que era em aquela sazom o melhor homem de Espanha que rei nom fosse.

...

34

33. e disse o Conde D.Fernando: - Afonso Anriquez, nom andemos neste pretoito,

34. *Vamos iu dia à fazenda, ca sairemos nós de Portugal ou uós.* -

...

36. - *Conde, pese a Deus porque me queredes sacar da terra de meu padre.* -

37. *E a madre disse entom: - Minha é a terra e minha seerá,*

38. *Ca o meu padre el-Rei D.Afonso ma leixou.* -

39. *E o Conde D.Fernando ... :*

40. - *D.Teresa, nom andemos neste pleito.*

41. *Ou iredes uós comigo à Galiza ou leixaremos a terra a uosso filho se mais puder ca nós.* -

42. *E disse a rainha: - Conde vosco quero entrar na az e auedes fazer polo meu amor.*

43. *E todauia prendede Afonso Enriquez meu filho, ca melhor poder tendes ca ele.*

44. *E entraram e uierom à fazenda em Guimarães,*

...

48. *Respondeu Afonso Henriques: - Venho mui mal ca me arrincou meu padrasto*

49. *E minha madre estaua com ele na az.*

36

...

51. *Mais torne uos comigo e prenderemos o uosso padrasto e uossa madre co'ele*

...

55. *E uenceu a e prendeu seu padrasto e sa madre*

56. *E o Conde D.Fernando cuidando a ser morto*

57. *Fez lhe preito e menagem ...*

58. *E disi foi se luego para terra de Ultramar*

59. ***Afonso Anriquiz meteo entom sa madre em ferros.***

60. *Ela, quando uio que assi prendia a madre, disse:*

61. - *Afonso Anriquiz meu filho prendestes me e metestes me em ferros*

62. *E desertastes me da terra que me leixou meu padre e quitastes me de meu marido*

63. ***Rogo a Deus que preso sejades assi como eu sou***

64. ***E porque me metestes nos meus pés ferros quebrantadas sejam as tuas pernas com ferros.***

65. ***E mande Deos que se compra esto.*** -

66. *E ela enuiou se logo querelar ao emperador que era seu sobrinho,*

67. *Que lhe acorresse e que a sacasse da prisom*

68. *E que houuesse todo Portugal por seu.*

40

...

82. *E o apostóligo de Roma ouuiu dizer como prendera sa madre e que a trazia consigo presa.*

83. *E mandou lhe dizer pelo bispo de Coimbra*

84. *Que sacasse sa madre de prisom e senom que o escomungaria.*

85. *E el disse que a não sacaria por nenguem*

86. *E o bispo excomungou o e foi se de noite.*

87. *E no outro dia de manhã disserom a el rei que ele era excomungado.*

... [episódio do Bispo Negro]

48

Depois **desto pelo mal e pelo pecado que fez a sa madre em prendê la quebrou lhe iia perna em Badalhouce**, que hauia filhada a Mouros e foi desta maneira.

Esto fué por el pecado quel fiziera contra su madre

53

IV / tradição e história

54

Afonso Henriques tinha 2 ou 3 anos quando o Conde D.Henrique morreu (em 1112)

1128: Afonso Henriques vs. Conde D.Fernando

59

O essencial é que a mãe tentou esbulhar o filho da terra que era dele, tentou prender o filho, mas foi presa por ele, e amaldiçoou-o. Tudo converge para esta história familiar, desde o discurso do Conde moribundo, que à partida justifica a posição do filho ao reclamar para si o que era seu, até ao desastre da perna partida em que a maldição materna se cumpre.

61

Lindley Cintra propôs a hipótese de que o cantar se forma a partir do desastre ... em Badajoz: quem quer que o compôs procurou a sua justificação na maldição lançada pela mãe do herói.

... o autor do cantar põe em relevo que *D.Teresa* quis assistir à batalha para animar o *Conde D.Fernando* e lhe recomendou expressamente que prendesse o filho

... o castigo do pecado não envolve a responsabilidade do castigado. Por outro lado, ele é vítima de uma maldição materna, e a maldição tem o valor de um rito mágico cujo cumprimento seja inelutável.

a Rainha *D.Urraca*, irmã de *D.Teresa*, surge no «Cantar de D.Fernando de Leão e Castela» (1065) e no «Cantar do cerco de Zamora», contidos na *Crónica de Vinte Reis*.

as guerras entre *D.Urraca* e o seu filho *Afonso* têm muitas semelhanças com a tradição épica ligada a *Afonso Henriques*.

Isto nos leva a imaginar que houve uma escola galego-portuguesa de joglaria épica sobre temas locais, evidentemente, e personagens marcantes da região, o rei *García*, *D.Urraca*, *D.Teresa*, e o filho desta, *Afonso Henriques*, e que os seus focos de irradiação seriam Santiago de Compostela, e, por razões que já apontámos, Coimbra - as duas cortes, a do Norte e a do Sul, do território galego-português, o reino efêmero de *García*.

Existiu um poema jogralesco provavelmente em língua portuguesa, que remonta possivelmente ao último quartel do século XII e que tem por herói o primeiro rei de Portugal. Esse poema é literariamente a primeira afirmação nacional portuguesa face ao reino de Leão.

... Nada tem que ver com as tradições clericais relacionadas com o reinado de Afonso Henriques.

... É um poema cavaleiresco, próprio de uma cultura oral, divorciado da cultura clerical. Torna-se flagrante através dele a oposição entre o rei, chefe dos cavaleiros e dos concelhos, e a hierarquia constituída pelo Papa e pelos bispos, oposição mais do que política, cultural.

é de notar também que neste poema a luta contra os Mouros ocupa um lugar de segundo plano ou de pano de fundo.